

O Conceito de Experiência Histórica em Edward Thompson

João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior¹

A intenção deste trabalho é colocar luz sobre o conceito de experiência histórica cunhado pelo historiador inglês Edward Palmer Thompson.

Edward Palmer Thompson nasceu em Oxford, Inglaterra, em 1924. Seu pai, o pastor Edward John Thompson, sua mãe a missionária Theodosia Thompson, e seu irmão mais velho Frank Thompson, assassinado por fascistas búlgaros durante a Segunda Grande Guerra², foram talvez, as principais influências políticas e sociais do jovem Thompson.

Foi pelas mãos de seu irmão Frank, que com 17 anos, E. P Thompson se filia ao Partido Comunista Britânico, alistando-se em seguida, como voluntário, nas tropas inglesas que lutaram na guerra³. Com o fim do conflito, um duplo sentimento apossa-se de Thompson: de um lado a felicidade pela derrocada do nazi-facismo e a certeza quase incontida, na escalada da esquerda nos países europeus. De outro, a tristeza e a amargura pela morte seu irmão mais velho Frank, capturado e fuzilado em 1944 na Bulgária⁴.

Encerrada guerra, Thompson retoma seus estudos universitários, interrompidos em 1942, graduando-se em História no ano de 1946. A História não foi à opção original do autor, que queria ser poeta como seus pais. Na tentativa de realizar esse sonho

¹Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFScar), professor Adjunto II da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) – Campus de Rio Paranaíba. E-mail: joao.melo@ufv.br

² Em tom de homenagem ao irmão e ao filho mais velho, Edward e Theodosia Thompson escreveram e publicaram em 1947 uma obra intitulada “*There is a Spirit in Europe. A Memoir of Frank Thompson.*”

³Não há informações precisas sobre a participação de Thompson na II Guerra. Alguns biógrafos argumentam que o historiador lutou na Itália e na França. Já outros, afirmam que ele combateu na Itália, no norte da África e Itália. Para maiores detalhes ver, entre outros: KAYE, H, “*The British Marxist Historians: an inductory analysis.* Cambridge: Polity Press, 1984. e PALMER, Brian. “*The Making of E.P. Thompson: Marxism, Humanism and History.* Toronto: New Houghtown Press, 1981.

⁴Esse duplo e contraditório sentimento é assim relatado: “[...] No fim do conflito, carregava consigo as esperanças abertas com a vitória sobre o nazi-facismo e com a ascensão de forças de esquerda em vários países europeus, tanto no ‘Leste’ como no ‘Ocidente. Porém, igualmente, trazia uma grande dor, a morte de Frank capturado e executado na Bulgária [...] (FORTES, NEGRO e FONTES, 2001: 22).

resolve cursar Letras, transferindo posteriormente de opção, influenciado por Frank Thompson, que já cursava História⁵.

Uma vez cursando História, é eleito presidente do Clube dos Estudantes Socialista da Universidade. Nesse período foi bastante influenciado Christopher Hill e Maurice Dobb, com os quais construiu um núcleo de pensamento e estudos, denominado Marxistas Humanistas, além de Thompson e Hill também integravam o grupo: Raymond Williams, Raphael Samuel, John Saville, Eric Hobsbawm, Dorothy Thompson entre outros. A união desse grupo de intelectuais ingleses foi o embrião da Escola Marxista Revisionista ou Escola Neo-Marxista Inglesa⁶.

Os encontros cotidianos com esse grupo de intelectuais britânicos foram decisivos para a opção profissional de Thompson. O convívio desperta a vontade de se tornar um historiador da classe operária e de suas ações coletivas, impregnadas de cultura romântica e resistência popular. Thompson definia-se politicamente nesse momento como um marxista humanista ou um morrissiano-marxista, uma clara alusão/homenagem ao poeta William Morris.

É dentro desse perfil, que Thompson procura resgatar a formação de ações coletivas originárias de movimentos sociais e populares da Inglaterra do século XVIII. A adoção da cultura popular seria, segundo o historiador britânico, os elementos formadores das ações coletivas e das estratégias de resistência do operariado inglês do XVIII. A utilização de elementos da cultura popular preencheria um vazio sentido na produção acadêmica marxista estruturalista inglesa, que propositalmente despreza as manifestações culturais das classes baixas.

Thompson buscou em seus trabalhos historiográficos dar voz a homens e mulheres esquecidos nas análises de historiadores marxistas afinados com as teorias estruturalistas. Para tal, buscava perceber através da luta de classes a formação de experiências históricas do operariado inglês do século XVIII. O conceito de experiência serviria para Thompson, como um modelo unificador das ações dos trabalhadores.

⁵Hobsbawm diria que Frank ainda era mais genial, brilhante e favorecido em relação ao irmão mais novo.

⁶A constituição desse grupo aglutinou-se em torno das críticas ao marxismo estruturalista, particularmente a um de seus principais representantes Louis Althusser (1918-1990). As oposições articulavam-se contrárias noções de falsa consciência e a percepção de classe social como uma entidade estática e presa no tempo.

Em a “Miséria da Teoria”, editado no Brasil em 1981, o autor traz a seus leitores o conceito de experiência histórica e cultural, como modelos catalisadores de ação social. Ao optar por trabalhar com a noção de experiência histórica e cultural, o historiador conscientemente provocou uma desvinculação entre a superestrutura cultural e a estrutura econômica material.

Thompson propõe a distinção entre a experiência vivida e a experiência percebida. A segunda categoria aproxima-se daquilo que Marx denominou de consciência social, uma vez que elas resultam das causas materiais. No entanto, a pressão das experiências sobre as ações históricas não poderiam adiadas ou falsificadas pela “falsa consciência”. Acrescenta Thompson:

“[...] Em uma análise comparativa, o modelo tem apenas valor heurístico, passível de geralmente redundar em perigo dada sua tendência em direção a uma estase conceitual. Na história, nenhuma formação de classe específica é mais autêntica ou mais real que outra. As classes se definem de acordo com o modo como tal formação acontece efetivamente” (Thompson, 2001: p 277).

Thompson irá argumentar que o conceito de experiência histórica serviria para que os historiadores percebessem que não é possível pensar determinada classe social separada da outra, ou propor graus de importância e autenticidade entre elas. O processo de autoformação acontece efetivamente a partir das experiências históricas conquistadas e apreendidas por homens e mulheres concretas. Nesse sentido, alerta Müller (2003):

“Thompson observa que as regularidades no interior do ser social, com frequência resultam de causas materiais que ocorrem de forma independente da consciência ou da intencionalidade. Tais causas inevitavelmente dão ou devem dar origem a experiência vivida, a experiência I, mas não penetram como reflexos na experiência II. No entanto, a pressão dessas causas sobre a totalidades do campo da consciência não pode ser adiada, falsificada ou suprimida indefinidamente pela ideologia[...] (2003: 341).

As experiências históricas e suas articulações seriam inevitáveis e contínuas. Teriam a função de exercer pressão sobre a consciência social, determinando a construção de materiais humanos conscientes de seus papéis na sociedade de classes. Por esse prisma, Thompson acrescenta, que do ponto de vista empírico é através das

experiências que é possível elaborar teoricamente uma explicação racional das mudanças históricas.

Novamente recorrendo a Müller (2003), tem-se:

“Dessa forma, a experiência, sem ‘bater na porta’, constitui e nega, opõe e resiste, estabelece mediações, é espaço de prática, intervenção, obstaculização recusa, é processo de formação de identidades de classe, poderíamos acrescentar, de gênero, de geração e etnias [...]” (Müller, 2003: 341).

Pensando dialeticamente o conceito de experiência, procurou perceber-la através de larga produção empírica com o intuito de construir um suporte sólido para seus trabalhos. Pesquisando inspirado em George Rudé, os conflitos que marcaram o alvorecer do capitalismo na Inglaterra do século XVIII, Thompson resgata as motivações das revoltas sociais, levando em consideração as experiências da multidão que agia como transformadoras do sentido da história. O trecho a seguir é um exemplo:

“Depois de 1750, cada ano de escassez era acompanhado por uma enxurrada de panfletos e cartas à imprensa de valor desigual. Era frequente que os protagonistas do comércio livre lamentassem que uma gentry desorientada viesse atear o descontentamento da tuba” (Thompson, 2008: 48).

“Depois de 1750, cada ano de escassez era acompanhado por uma enxurrada de panfletos e cartas à imprensa de valor desigual. Era frequente que os protagonistas do comércio livre lamentassem que uma gentry desorientada viesse atear o descontentamento da tuba” (Thompson, 2008: 48).

E logo em seguida ainda acrescenta:

“[...] Cresce de facto a convicção deque um tumulto popular conta os açambarcadores não era mal recebido por parte das autoridades. Desviava as atenções dos agricultores e rendeiros, e ao mesmo tempo que as vagas ameaças dirigidas aos açambarcadores pelos Quarter Sessinnals davam aos pobres a ideia de que as autoridades se encontravam receptivas aos seus interesses [...]”

As citações revelam a construção dos processos de experiências⁷ articulados teoricamente por Thompson, os exemplos mostram as reações da população pobre

⁷Há que se acrescentar que Thompson procura descartar a construção da experiência liga apenas ao empiricismo vulgar. Pensar o conceito de experiência afastado de uma condição teórica poderia levar,

inglesa do século XVIII, manifestando-se contra a escassez e o aumento de alimentos. O autor destaca que a formação desses atores sociais, longe da visão estritamente estrutural materializante. Por outro lado, também negava a perspectiva culturalista isolada em seu contexto.

Ao negar com veemência o culturalismo frouxo, como também, a estrutura material apartada do condicionante humano, Thompson buscava, e com sucesso, compreender na sua totalidade, a história de homens e mulheres reais. Quando analisada apenas pela concepção puramente estruturalista, as ações coletivas empreendidas pelos atores sociais perdem-se em meio a dados estéreis. De outra parte, para pensar as ações sociais apenas pelo viés cultural, era preciso contextualiza-las enquanto categorias explicativas (Müller, 2003). Todavia, como argumenta Müller (2003), esse tipo de pesquisa historiográfica e social torna-se bastante problemática em consequência de sua fragilidade teórica.

Ao adotar e assumir consciente e racionalmente sua posição teórica e empírica em relação às ações sociais da classe popular e das primeiras associações de trabalhadores ingleses no século XVIII, Thompson, na verdade elegia com alvo privilegiado a esquerda intelectual marxista inglesa que seguida à cartilha estrutural escrita por Louis Althusser. O argumento levantado mostrava que os marxistas althusserianos representavam através de suas análises um “perigo” para a tradição histórica inglesa. O motivo estaria estacionado no absolutismo teórico estruturante reinante nas pesquisas e trabalhos de historiadores e cientistas sociais adeptos as propostas de Althusser. Além do mais, Thompson lembrava o apoio incondicional de Althusser à violência stalinista em nome do avanço do marxismo e o silêncio em torno das ações soviéticas. Nas palavras de Müller (2003):

“[...] O alvo de Thompson situava-se na esquerda, os estruturalistas althusserianos, por ele considerados um risco para a tradição de prática histórica marxista na Inglaterra em razão de seu absolutismo teórico, sua negação do agir humano e a convivência de Althusser com a violência stalinista praticada em nome do marxismo bem como as ‘vastas áreas de silêncio’ em torno do Estado soviético” (2003: p 342).

segundo o autor, a um relativismo e a passividade das classes sociais envolvidas no processo histórico.

O já mencionado clássico a Miséria da Teoria é um retrato fiel do debate estabelecido no interior da esquerda intelectual inglesa: de um lado Edward Thompson e os marxistas humanistas e de outro Perry Anderson representando a escola marxista estruturalista althusseriana.

Durante esse período Thompson escreveu artigos com temáticas que versavam sobre socialismo, transições políticas na Grã-Bretanha, ações operárias entre outras propostas relacionadas. Os textos despertaram interesses diversos em seus leitores. Os opositores criticavam com veemência sua posição, de nos artigos, evidenciar as ações humanas sem a interferência direta da estrutura econômica, lançando o debate entre as correntes historiográficas: de um lado Thompson e os marxistas revisionistas, e de outro, Perry Anderson e Ton Nairn que seguiam no caminho de um marxismo ortodoxo estruturalista.

Ao criar tal proposição, Thompson dirigia severas críticas à corrente estruturalista marxista e em particular a Perry Anderson e Ton Nairn, propagadores das teorias althusserianas na Inglaterra. O cerne do debate apoiava-se nas noções de classe e luta de classes. Enquanto os dois primeiros historiadores advogavam classe social como elemento componente indissociável das categorias de infraestrutura e superestrutura. Em outras palavras, concebiam a formação da classe social e de sua consciência como derivação do processo da base produtiva.

Por seu turno, Thompson manifestava claramente suas objeções e oposições a essa visão marcadamente estrutural e estática sobre classe social. De acordo com suas indagações, o conceito de classe social não pode ser apreendido como um simples produto do desenvolvimento estrutural das forças produtivas. Todavia, procura demonstrar que o termo classe social, é dinâmico e guarda em seu interior diferentes interpretações e significados.

Thompson procura analisar a formação da classe operária inglesa situada em um contexto de industrialização, que lhe confere dinâmica histórica que derivam de processo sociais articulados ao longo do tempo⁸. É através dessas múltiplas experiências

⁸Thompson adverte que a categoria classe social é construída historicamente, portanto deve ser pensada e analisada inserida em um contexto específico. As classes só existem, porque, segundo o autor, as pessoas se comportam de modo classista em diversas situações, fato que pode gerar um amadurecimento no conceito de classe social. O comportamento classista é um dos responsáveis diretos pela formação de instituições e ações coletivas alicerçadas em uma base cultural que, em alguns casos, podem conter semelhanças com outros movimentos sociais. Não obstante, não é possível

que se constitui a classe social e suas diferentes formas de ações coletivas. A citação que se segue revela com precisão esse fenômeno histórico:

“Thus working men formed a picture of the organization of society, out in their own experience and with the help of their hard-won and the erratic education, which was above all a political picture. They learned to see their own lives as part of a general history of conflict between the loosely defined ‘industrious class’ on the one hand, the unreformed house of commons on the other [...]” (THOMPSON, 1962: 74).

Assim, Thompson procura evidenciar que a formatação da classe operária inglesa e de suas ações coletivas acontece com a participação de “gente comum”, para usar um termo caro ao autor. Dessa forma, é inaugurada a história das massas comuns como forma de perceber a formação da classe social. De acordo com o autor, as camadas populares são ativamente participantes, preenchendo as lacunas históricas deixadas pela historiografia marxista tradicional.

As análises estruturalistas sobre a formação de ações coletivas oriundas das classes sociais partiam de uma simplificação do objeto estudado, dizia Thompson, ao negligenciar propositalmente aspectos da tradição cultural, popular e radical das camadas populares. A radicalidade da “gente comum” é um elemento indispensável para a formação de ações coletivas oriundas daquele momento, o ludismo talvez fosse seu exemplo mais notório e bem sucedido.

É dentro desse perfil, que Thompson procura resgatar a formação de ações coletivas originárias de movimentos sociais e populares da Inglaterra do século XVIII. A adoção da cultura popular seria, segundo o historiador britânico, os elementos formadores das ações coletivas e das estratégias de resistência do operariado inglês do XVIII. A utilização de elementos da cultura popular preencheria um vazio sentido na produção acadêmica marxista estruturalista inglesa, que propositalmente despreza as manifestações culturais das classes baixas.

O cerne da crise entre os dois historiadores britânicos torna-se mais evidente quando em 1963, Anderson assume a direção do conselho editorial da *New Left Review*, dando um novo redirecionamento para revista, privilegiando publicações voltadas para

tentar forçadamente conceber uma teoria que consiga encontrar regularidades em certos estágios de desenvolvimento daquelas categorias sociais, pois, acima de tudo, o fenômeno histórico e social prevalece sobre a teoria (THOMPSON, 2001).

um marxismo estruturalista. Nesse debate, Anderson publicou *Origins of the present crises*, sendo imediatamente respondido por Thompson em *Peculiarities of the English*. Alguns anos depois, este ensaio foi publicado na coletânea *The Poverty of Theory and other essays*. Com a publicação da obra as relações entre Thompson e Perry Anderson tornam-se insustentáveis. Cada qual analisava a formação da sociedade inglesa sob uma perspectiva, enquanto Perry Anderson entendia sua formação centrada em uma análise estrutural, Thompson a concebia como um conjunto de possibilidades e transformações dos agentes humanos em sociedade.

O debate intelectual entre Edward Thompson e Perry Anderson inicia-se efetivamente com as publicações de “*Origins of the Present Crises*” e a contrapartida “*Peculiarities of the English*”. No centro do debate a experiência histórica de formação da classe operária inglesa e o empreendimento das ações coletivas.

Enquanto Anderson definia seu campo de análise historiográfica ancorado em uma análise estrutural, o outro historiador trabalhava a hipótese da ação humana como transformadora da sociedade. Ambas as análises partem de perspectivas quase antagônicas. A citação não deixa dúvidas:

“Nos idos de 1962, quando as atividades da New Left Review estavam um pouco confusas, a direção da Nova Esquerda convidou um hábil colaborador – Perry Anderson para assumir a editoria da revista. Encontramos, como esperávamos, no camarada Anderson a decisão e a coerência intelectual necessárias para assegurar sua continuidade (...)” (THOMPSON, 2001: 75).

E ainda acrescenta:

“(...) Todos os ramais secundários não econômicos e desvios socioculturais da New Left, que estavam, de resto, recebendo cada vez menos tráfego, foram abruptamente desativados. As principais linhas da revista sofreram uma modernização igualmente brusca. As maris-fumaças da Velha Esquerda foram varridas dos trilhos, as paradas marginais (Compromisso, Qual o Futuro do CND?, Mulheres Apaixonadas), foram fechadas, e as linhas, eletrificadas para o tráfego expresso Rive Gauche marxistencialista (...)” (THOMPSON, 2001: 76).

Em outro momento:

“(...) Em menos de um ano, os fundadores da revista descobriram, para seu pesar, que o conselho editorial vivia em um ramal que, após rigoroso balanço intelectual foi considerado deficitário.

Percebendo-nos supérfluos, colocamos nossos cargos a disposição” (THOMPSON, 2001: 76).

A discordância intelectual entre os dois pensadores da esquerda inglesa organizava-se em torno da nova proposta editorial adotada pela “*New Left Review*”, que segundo Thompson, articulava em três principais eixos aglutinadores: análises do terceiro mundo, definições da teoria marxista⁹ e análise da história e estrutura sociais britânicas (THOMPSON, 2001:76).

O debate e as discordâncias intelectuais entre esses dois importantes representantes da esquerda intelectual marxista inglesa possibilitou a revisão das doutrinas históricas e sociais marxistas, dando a Thompson, a certeza quase inabalável de sua opção enquanto historiador marxista, embora de modo “marginal”, como já atestou Brian Palmer (1996). A utilização do termo “marginal” reflete a oposição intelectual de Thompson e de seu grupo intelectual às leituras e análises estruturalistas de Althusser e de outros:

“A leitura de Althusser, portanto, aguçou a noção de Thompson da opção dentro do marxismo. Ela já situara sua escolha, como uma postura oposicionista, exterior ao marxismo, contra o capitalismo. Isso era algo que para ele permaneceria inalterado. No entanto, enfrentava agora a percepção de que surgiria um segundo front no interior do que há muito havia sido sua tradição de lealdade. Contra os marxismos de matiz stalinista, althusseriana, Thompson declarava uma incansável guerra intelectual” (Palmer, 1996: p 164).

Essa implacável e incansável guerra intelectual ao marxismo estruturalista empreendida pelo autor nos anos 1970, como também, tempos mais tarde, já nos anos 1990, contra o denominado “giro linguístico¹⁰”, marcarão indelevelmente a trajetória desse intelectual britânico que em seus trabalhos acadêmicos procurou valorizar, evidenciando as experiências de homens e mulheres reais oriundas em suas ações históricas vividas e vivenciadas.

⁹É interessante mencionar que Thompson considerava as análises marxistas estruturalistas evasivas e soltas teoricamente, por não levarem em consideração as formas de ação humana, como articuladoras e criadoras das teorias históricas e sociais.

¹⁰ Para informações mais exatas sobre a postura intelectual de Thompson contrária ao giro linguístico ver: Marcondes e Müller (2003), Palmer (1996), Thompson (2002), entre outros.

Atualmente, em meio a tantas concepções historiográficas que optam pelo empirismo exacerbado e pelos relativismos culturais puramente discursivos, a atualidade dos trabalhos de Thompson mostra-se ainda mais evidente ao compreender as ações humanas e suas experiências advindas como os verdadeiros constructos da história social.

Ao teorizar a história real feita por homens concretos, Thompson deixa claro para todos os seus leitores e opositores que as experiências históricas determinam que as análises dos historiadores devem descartar modelos fictícios e estruturantes que tiram de cena, os agentes da transformação social e histórica.

Este trabalho busca mostrar a fecundidade das proposições thompsonianas sobre a tarefa do historiador e do pesquisador que deve desvelar as minúcias e concretudes do objeto pesquisado, revelando suas faces analíticas. Desse modo, o presente texto, pretende mostrar que o legado de Edward Palmer Thompson inscreve-se como formulário regulador para as ciências sociais e históricas.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. Origins of the present crises. **New Left Review**, London, nº23, jan/fec. 1964.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento. O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2008.

FORTES, Alexandre, NEGRO Antônio Luigi e FONTES, Paulo. Peculiaridades de E.P.Thompson. IN: THOMPSON, Edward. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses sobre o “conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.

LÖWY, Michael. A corrente romântica nas ciências Sociais da Inglaterra: Edward P.Thompson e Raymond Willians. **Revista Crítica Marxista**, Campinas, nº 8 p.43-68, junho de 1999.

MUNHOZ, Sidnei. Fragmentos de um possível diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol 2. nº 2, setembro de 1997.

MORAES, Maria Célia de Marcondes e MÜLLER, Ricardo Gaspar. História e Experiência: contribuições de E. Thompson à pesquisa em educação. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, vol 21, nº02, p. 329-349, jul/dez de 2003.

- MÜLLER, Ricardo Gaspar. **Razão e Utopia: Thompson e a História.** Tese (Doutorado em História Social) – Curso de História Social, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.
- PALMER, Bryan. **Edward Thompson objeções e oposições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- THOMPSON, Edward. **A economia Moral da Multidão na Inglaterra do Século XVIII.** Lisboa: Antígona, 2008.
- THOMPSON, Edward. **Os Românticos. A Inglaterra na era revolucionária.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- THOMPSON, Edward. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Edward. **Senhores e caçadores.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- THOMPSON, Edward. **Exterminismo e Guerra Fria.** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- THOMPSON, Edward. **Zero Option.** Manchester Road: Bristish Library, 1982.
- THOMPSON, Edward. **Making History. Writings on History and Culture.** New York: New York Press, 1995.
- THOMPSON, Edward. **The Essential E.P Thompson.** New York: New York Press, 2001.
- THOMPSON, Edward. Socialist Humanism. **The New Reasoner**, London, nº1, p. 105-143, Summer, 1957.
- THOMPSON, Edward. **Witness Against the Beast: Willian Blacke and the Moral Law.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- WILLIANS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- WILLIANS, Raymond. **Tragédia Moderna.** São Paulo: Cosac e Naify, 2002.